

# HUMANIDADES E CIÊNCIAS SOCIAIS:

Perspectivas  
Teóricas,  
Metodológicas  
e de  
Investigação

Luis Fernando González-Beltrán  
(organizador)



EDITORA  
ARTEMIS  
2025

VOL VIII

# HUMANIDADES E CIÊNCIAS SOCIAIS:

Perspectivas  
Teóricas,  
Metodológicas  
e de  
Investigação

Luis Fernando González-Beltrán  
(organizador)



EDITORA  
ARTEMIS  
2025

VOL VIII



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

<b>Editora Chefe</b>	Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira
<b>Editora Executiva</b>	M. <sup>a</sup> Viviane Carvalho Mocellin
<b>Direção de Arte</b>	M. <sup>a</sup> Bruna Bejarano
<b>Diagramação</b>	Elisangela Abreu
<b>Organizador</b>	Prof. Dr. Luis Fernando González-Beltrán
<b>Imagem da Capa</b>	Bruna Bejarano, Arquivo Pessoal
<b>Bibliotecário</b>	Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

#### Conselho Editorial

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”*, Cuba  
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil  
Prof. Dr. Agustín Olmos Cruz, *Universidad Autónoma del Estado de México*, México  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Júlia Viamonte, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal  
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano*, Peru  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla*, Espanha  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cirila Cervera Delgado, *Universidad de Guanajuato*, México  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cláudia Padovesi Fonseca, Universidade de Brasília-DF, Brasil  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil  
Dr. Cristo Ernesto Yáñez León – New Jersey Institute of Technology, Newark, NJ, Estados Unidos  
Prof. Dr. David García-Martul, *Universidad Rey Juan Carlos de Madrid*, Espanha  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Deuzimar Costa Serra, Universidade Estadual do Maranhão, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Dina Maria Martins Ferreira, Universidade Estadual do Ceará, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Edith Luévano-Hipólito, *Universidad Autónoma de Nuevo León*, México  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal  
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo (USP), Brasil  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elvira Laura Hernández Carballido, *Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo*, México



Prof.ª Dr.ª Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional, Argentina*  
Prof.ª Dr.ª Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca, Espanha*  
Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República, Uruguay*  
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara, México*  
Prof. Dr. Fernando Hitt, *Université du Québec à Montréal, Canadá*  
Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona, Espanha*  
Prof.ª Dr.ª Gabriela Gonçalves, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal  
Prof.ª Dr.ª Galina Gumovskaya – Higher School of Economics, Moscow, Russia  
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil  
Prof.ª Dr.ª Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis, Argentina*  
Prof.ª Dr.ª Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*  
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal  
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*  
Prof. Dr. Guillermo Julián González-Pérez, *Universidad de Guadalajara, México*  
Prof. Dr. Håkan Karlsson, *University of Gothenburg, Suécia*  
Prof.ª Dr.ª Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco, Brasil  
Prof.ª Dr.ª Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura, Peru*  
Prof.ª Dr.ª Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*  
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil  
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío, Chile*  
Prof.ª Dr.ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas, Brasil  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, *University of Miami and Miami Dade College, Estados Unidos*  
Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla - La Mancha, Espanha*  
Prof. Dr. João Manuel Pereira Ramalho Serrano, Universidade de Évora, Portugal  
Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros, Brasil  
Prof. Dr. Jorge Ernesto Bartolucci, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*  
Prof. Dr. José Cortez Godinez, Universidad Autónoma de Baja California, México  
Prof. Dr. Juan Carlos Cancino Diaz, Instituto Politécnico Nacional, México  
Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid, Espanha*  
Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia*  
Prof. Dr. Juan Manuel Sánchez-Yáñez, *Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, México*  
Prof. Dr. Juan Porras Pulido, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil  
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil  
Prof.ª Dr.ª Livia do Carmo, Universidade Federal de Goiás, Brasil  
Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo, Brasil  
Prof. Dr. Luis Fernando González Beltrán, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*  
Prof. Dr. Luis Vicente Amador Muñoz, *Universidad Pablo de Olavide, Espanha*  
Prof.ª Dr.ª Macarena Esteban Ibáñez, *Universidad Pablo de Olavide, Espanha*  
Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodriguez, *Universidad Santiago de Compostela, Espanha*  
Prof. Dr. Manuel Simões, Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, Portugal  
Prof.ª Dr.ª Márcia de Souza Luz Freitas, Universidade Federal de Itajubá, Brasil  
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil  
Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe, Brasil  
Prof.ª Dr.ª Mar Garrido Román, *Universidad de Granada, Espanha*  
Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil  
Prof.ª Dr.ª María Alejandra Arecco, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*  
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia, Brasil  
Prof.ª Dr.ª Maria Carmen Pastor, *Universitat Jaume I, Espanha*

Prof.ª Dr.ª Maria da Luz Vale Dias – Universidade de Coimbra, Portugal  
Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal  
Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão, Brasil  
Prof.ª Dr.ª MªGraça Pereira, Universidade do Minho, Portugal  
Prof.ª Dr.ª Maria Gracinda Carvalho Teixeira, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil  
Prof.ª Dr.ª María Guadalupe Vega-López, *Universidad de Guadalajara, México*  
Prof.ª Dr.ª Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal  
Prof.ª Dr.ª Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana, Cuba*  
Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras, Brasil  
Prof. Dr. Melchor Gómez Pérez, *Universidad del Pais Vasco, Espanha*  
Prof.ª Dr.ª Ninfa María Rosas-García, Centro de Biotecnología Genómica-Instituto Politécnico Nacional, México  
Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense, Brasil  
Prof. Dr. Osbaldo Turpo-Gebera, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa, Peru*  
Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras, Brasil  
Prof.ª Dr.ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia, Brasil  
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará, Brasil  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí, Brasil  
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí, Brasil  
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil  
Prof.ª Dr.ª Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*  
Prof.ª Dr.ª Solange Kazumi Sakata, Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (IPEN)- USP, Brasil  
Prof.ª Dr.ª Stanislava Kashtanova, *Saint Petersburg State University, Russia*  
Prof.ª Dr.ª Susana Álvarez Otero – *Universidad de Oviedo, Espanha*  
Prof.ª Dr.ª Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal  
Prof.ª Dr.ª Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal  
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa, Brasil  
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande, Brasil  
Prof.ª Dr.ª Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil  
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca, Colômbia*  
Prof. Dr. Xosé Somoza Medina, *Universidad de León, Espanha*

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

H918 Humanidades e ciências sociais [livro eletrônico] : perspectivas teóricas, metodológicas e de investigação: vol. VIII / Organizador Luis Fernando González-Beltrán. – Curitiba, PR: Artemis, 2025.

Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia  
Edição bilingue  
ISBN 978-65-81701-46-8  
DOI 10.37572/EdArt\_290325468

1. Ciências sociais. 2. Humanidades. I. González-Beltrán, Luis Fernando.

CDD 300.1

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



## PRÓLOGO

El Volumen VIII de la obra “Humanidades e Ciências Sociais: Perspectivas Teóricas, Metodológicas e de Investigação”, reúne una colección de estudios y reflexiones de autores diversos, cuyos trabajos abordan temas centrales para el avance de las ciencias sociales, con un enfoque particular en las dinámicas educativas, sociales y políticas que modelan y transforman las sociedades contemporáneas. Los trabajos se aglutinan en tres secciones.

La Educación, como herramienta de transformación social, es el punto de partida para las reflexiones que recorren las páginas de este libro. Inicia con la historia y evolución de los modelos educativos, luego con la evolución de los modelos universitarios, que sufren adecuaciones debido a la industrialización y por su cambio en su relación con el Estado. Enseguida se analizan los sistemas de evaluación y acreditación de Latinoamérica, para después criticar específicamente a la evaluación pasiva, indiferente e inapropiada con respecto a la norma, criticar los contenidos de las asignaturas de Ciencias Sociales, y criticar la actual formación del profesorado. Pero después de la crítica, se valoran los avances con un Objetivo de Desarrollo Sostenible, y los logros que se tuvieron, a pesar de la pandemia, en casos especiales como el de “Educación para la Vida”.

La innovación metodológica, ya sea a través de la aplicación de nuevas tecnologías como la realidad aumentada y el uso de drones, o por medio de la adaptación de enfoques pedagógicos que consideren la diversidad y la inclusión, son tratados en los siguientes artículos de la primera sección. Cuestiones como las brechas de género en la educación financiera y los desafíos para la implementación de enfoques transdisciplinarios también son exploradas, señalando el camino hacia una educación más inclusiva, equitativa y justa.

En la segunda sección, el libro expande sus fronteras hacia las Ciencias Sociales, la Literatura y la Antropología, con una mirada atenta a las relaciones entre cultura, memoria e historia. Al abordar la formación de conceptos científicos y la evolución de los métodos de investigación social, este volumen ilumina el proceso dinámico y, a menudo, controversial de la construcción del conocimiento, que nos lleva a reflexionar con mayor profundidad.

En el campo del Derecho y las Políticas Públicas, los textos presentes en este volumen ofrecen un análisis crítico de temas fundamentales para el desarrollo de las naciones. Como primer punto se desarrolla la regulación de la tecnología en el ordenamiento jurídico, de vital importancia. Aunque es evidente la contaminación del aire,

del agua, del suelo, y no mucho se está haciendo para combatirla, ¿qué se espera de la contaminación invisible al ojo humano, como lo es la contaminación digital? En segundo lugar se tratan las garantías constitucionales en un contexto político específico, el caso de Cuba, en un mundo donde las naciones se ven ya no como un aliado, sino como una presa rica en recursos y de importancia geográfica en caso de conflictos armados. Finalmente, se habla de los derechos de las mujeres en el escenario jurídico contemporáneo, si en la sección anterior se trató la crítica feminista en la literatura, ahora se ve en el contexto de la autonomía jurídica de la mujer sobre su cuerpo en el caso de embarazo.

El lector será conducido por un universo de ideas innovadoras que buscan no solo entender, sino también proponer soluciones y nuevas perspectivas para los desafíos que enfrentamos en las áreas de educación, derechos humanos y políticas públicas. El compromiso con la innovación, la inclusión y la transformación social está presente en todos los artículos, reflejando el deseo de construir un futuro que busque igualdad, sostenibilidad y justicia.

Este libro no solo presenta un panorama actual de cuestiones académicas y prácticas, sino que también inspira futuras reflexiones sobre el papel de la educación y las ciencias sociales en la configuración del mundo moderno.

Dr. Luis Fernando González Beltrán  
Universidad Nacional Autónoma de México. (UNAM)

## SUMARIO

### EDUCACIÓN, INNOVACIÓN E INCLUSIÓN

#### **CAPÍTULO 1..... 1**

MODELOS EDUCATIVOS EN MÉXICO: PRINCIPIOS, ENFOQUES PEDAGÓGICOS Y EVOLUCIÓN, A PARTIR DE 1921

Fernando Hernández López

Dulce María de los Ángeles Hernández Condado

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_2903254681](https://doi.org/10.37572/EdArt_2903254681)

#### **CAPÍTULO 2..... 12**

EVOLUCIÓN DE LOS MODELOS UNIVERSITARIOS: DE LA AUTONOMÍA ACADÉMICA A LA VINCULACIÓN CON EL ESTADO Y EL MERCADO

Cipatli Anaya Campos

Nali Borrego Ramírez

Marcia Leticia Ruiz Cansino

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_2903254682](https://doi.org/10.37572/EdArt_2903254682)

#### **CAPÍTULO 3.....22**

LA APLICACIÓN DE LA NORMA EN EL PROCESO DE EVALUACIÓN PARA MEDIR EL APRENDIZAJE DE LOS ALUMNOS

Ana Karen González-Álvarez

Christian Starlight Franco-Trejo

Luz Patricia Falcón-Reyes

Nubia Maricela Chávez-Lamas

Jesús Rivas-Gutiérrez

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_2903254683](https://doi.org/10.37572/EdArt_2903254683)

#### **CAPÍTULO 4..... 33**

REVISANDO CONCEPTOS PARA ACTUALIZAR CRITERIOS AL MOMENTO DE ENSEÑAR CIENCIAS SOCIALES EN UN MUNDO DE SIGNIFICADOS ESTALLADOS

Vanessa Mazú

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_2903254684](https://doi.org/10.37572/EdArt_2903254684)



**CAPÍTULO 5..... 45**

UN ACERCAMIENTO A LAS AULAS DE CLASE EN LA FORMACIÓN DEL PROFESORADO

Melvin Octavio Fiallos Gonzales

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_2903254685](https://doi.org/10.37572/EdArt_2903254685)

**CAPÍTULO 6..... 53**

AVANCES EN LA EDUCACIÓN SUPERIOR EN AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE: PERSPECTIVAS HACIA LA AGENDA 2030 Y EL ODS 4

Rubí Estela Morales Salas

Cynthia Sánchez de Alba

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_2903254686](https://doi.org/10.37572/EdArt_2903254686)

**CAPÍTULO 7..... 65**

EDUCACION PARA LA VIDA, INCLUSIVA Y DECOLONIZANTE EN LA ESCUELA “EL PORVENIR” XOCHISTLAHUACA, GRO. MÉXICO: BARRERAS PARA EL APRENDIZAJE

José Manuel Juárez Núñez

Sonia Comboni Salinas

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_2903254687](https://doi.org/10.37572/EdArt_2903254687)

**CAPÍTULO 8..... 85**

PROPUESTA METODOLÓGICA PARA EDUCACIÓN A TRAVÉS DE REALIDAD AUMENTADA: EL PATRIMONIO DE LOS MOLINOS DE VIENTO EN MURCIA (ESPAÑA)

Francisco José Martínez-López

Juan Francisco Martínez-Soler

Pablo Francisco Martínez-Ramos

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_2903254688](https://doi.org/10.37572/EdArt_2903254688)

**CAPÍTULO 9..... 99**

ADAPTACIONES VISUALES: CLAVE PARA LA INCLUSIÓN DE ESTUDIANTES CON DISLEXIA EN EL AULA

Carina Acosta Mendoza

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_2903254689](https://doi.org/10.37572/EdArt_2903254689)

**CAPÍTULO 10..... 108**

**BRECHAS DE GÉNERO EN EDUCACIÓN FINANCIERA**

Verónica Prieto Cordero

Ana Cartes Franke

Octavio Ferrada Zúñiga

María José Flores Huaqui

Renata Millares Constancio

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_29032546810](https://doi.org/10.37572/EdArt_29032546810)

**CAPÍTULO 11..... 121**

**IDENTIFICACIÓN DE DESAFÍOS Y OPORTUNIDADES EN LA IMPLEMENTACIÓN DE ENFOQUES TRANSDISCIPLINARIOS EN LA EDUCACIÓN**

Gabriel Mendoza Morales

Patricia Rodríguez Llanes

Paula Guadalupe Apodaca Zavala

Blanca Aurelia Valenzuela

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_29032546811](https://doi.org/10.37572/EdArt_29032546811)

**CIENCIAS SOCIALES, LITERATURA Y ANTROPOLOGÍA**

**CAPÍTULO 12..... 133**

**DESENVOLVIMENTO E A FORMAÇÃO DE CONCEITOS CIENTÍFICOS NA PERSPECTIVA DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL**

Adenilson Mariotti Mattos

Sinval Martins de Oliveira

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_29032546812](https://doi.org/10.37572/EdArt_29032546812)






**CAPÍTULO 13..... 150**

**DE LOS ENFOQUES METODOLÓGICOS A LA CONSTRUCCIÓN DE DATOS EN LA INVESTIGACIÓN SOCIAL**

Gerardo Angel Villalvazo Gutierrez

Alba Esperanza Garcia Lopez

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_29032546813](https://doi.org/10.37572/EdArt_29032546813)

<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>166</b>
EL PODER SERÁFICO DE LA MUJER EN <i>LAS MANOS BLANCAS NO OFENDEN</i> DE CALDERÓN	
Frederick de Armas	
 <a href="https://doi.org/10.37572/EdArt_29032546814">https://doi.org/10.37572/EdArt_29032546814</a>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>174</b>
OS LABIRINTOS DA MEMORIA: UMA HISTÓRIA CULTURAL DA AFTOSA DE 1946 NO MÉXICO E NO BRASIL	
Rosa María Spinoso Arcocha	
 <a href="https://doi.org/10.37572/EdArt_29032546815">https://doi.org/10.37572/EdArt_29032546815</a>	
<b>DERECHO Y POLÍTICAS PÚBLICAS</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>193</b>
LA CONTAMINACIÓN DIGITAL EN EL ORDENAMIENTO JURÍDICO ECUATORIANO	
Jean Carlos Cortez Lainez	
Andrea Gabriela Sánchez Rivera	
 <a href="https://doi.org/10.37572/EdArt_29032546816">https://doi.org/10.37572/EdArt_29032546816</a>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>206</b>
GARANTÍAS CONSTITUCIONALES DEL 2019 PARA LA INVERSIÓN EXTRANJERA EN CUBA	
Daniel González Cubela	
Anileidy Domínguez Hernández	
 <a href="https://doi.org/10.37572/EdArt_29032546817">https://doi.org/10.37572/EdArt_29032546817</a>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>219</b>
DERECHOS DE LA MUJER GESTANTE A ELEGIR SOBRE SU CUERPO	
Claudia Patricia Yepes	
Sergio Oswaldo Perez Rios	
 <a href="https://doi.org/10.37572/EdArt_29032546818">https://doi.org/10.37572/EdArt_29032546818</a>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>225</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>226</b>

# CAPÍTULO 13

## DE LOS ENFOQUES METODOLÓGICOS A LA CONSTRUCCIÓN DE DATOS EN LA INVESTIGACIÓN SOCIAL

*Data de submissão: 25/02/2025*

*Data de aceite: 11/03/2025*

### Gerardo Angel Villalvazo Gutierrez

Facultad de Estudios Superiores Zaragoza  
Universidad Nacional Autónoma de Mexico

### Alba Esperanza Garcia Lopez

Facultad de Estudios Superiores Zaragoza  
Universidad Nacional Autónoma de Mexico

**RESUMEN:** En los trabajos de investigación social desarrollados por comunidades académicas o en los institutos de investigación en consonancia a sus contextos socio institucionales, políticas de investigación, criterios de legitimidad, destaca el lugar dinámico que promueven los enfoques metodológicos en la investigación social que posibilitan, bajo sus marcos lógico normativos, la construcción de datos; donde sus perspectivas se asumen en sus aplicaciones conceptuales hacia sus objetos que en su construcción y/o reproducción son más o menos compatibles con la comunidad epistémica predominante y con la agenda institucional que los gestiona. Estos procesos plantean desafíos no solo para las instituciones que buscan utilidades, sino que también desafía la interpretación

que hace el investigador(a) desde una objetividad “científica”, libre de intereses y prejuicios presentes en el contexto sociocultural de la academia, desde la cual se validan prácticas, métodos, protocolos, instrumentos, etcétera. En esta perspectiva la importancia de reflexionar sobre los enfoques metodológicos radica en las articulaciones que se constituyen en las investigaciones en sí mismas. Una parte, de gran importancia se encuentra en la construcción de datos y su vinculación con las decisiones de producir o reproducir conocimientos, que se encuentran articuladas a las relaciones sociológicas dominantes entre la vocación científica por el desarrollo de la ciencia misma y en los mismos espacios socio institucionales, por otra, la formación profesional, donde ambas tienen que responder a una sociedad que demanda el desarrollo de la ciencia en sí misma y la de profesionales que se incorporen a ámbitos del trabajo socialmente organizado. Ello, nos lleva a considerar la importancia de ubicar las relaciones y debates metodológicos en la enseñanza de la investigación y de la ciencia social en sus problemáticas y posibilidades. El propósito de este trabajo es generar una reflexión ante los enfoques metodológicos en la construcción de los datos y la producción del conocimiento social, que se nos presentan como procesos que pertenecen a órdenes inconmensurables entre sí.

**PALABRAS CLAVE:** Enfoques metodológicos. Construcción de Datos. Ciencia Social y Cultura dominante.

## 1 INTRODUCCIÓN

Se presenta la importancia de los debates metodológicos, tanto en los procesos de su enseñanza como en la problemática de la generación de conocimientos nuevos para las ciencias sociales. Se destacan los contextos, las cuestiones técnicas de los procesos de aplicación de los enfoques metodológicos y la construcción de datos, que pasan a la divulgación y difusión de estos. De esta manera entre su contexto y construcción, es relevante desde nuestro punto de vista, rescatar y generar una reflexión que es necesaria, no sólo para ubicarnos en nuestros espacios institucionales en donde desarrollamos nuestros trabajos de enseñanza e investigación, con una ausencia crítica; sino para vislumbrar los alcances que presenta la ciencia normal a través de los trabajos de investigación, con la tendencia de desarrollar una práctica académica y científica más acrítica y domesticada por una administración que premia o castiga la economía del docente o investigador. Quedando dividido el trabajo en los siguientes apartados:

1. Los enfoques metodológicos en la escena de la formación profesional e investigación científica.
2. La construcción de datos en el contexto sociocultural de la investigación social.
3. Los dominios del contexto socio institucional en las organizaciones del conocimiento en su política y normatividad para sus funciones sustantivas.
4. Conclusiones.

## 2 LOS ENFOQUES METODOLÓGICOS EN LA ESCENA DE LA FORMACIÓN PROFESIONAL E INVESTIGACIÓN CIENTÍFICA

Las apropiaciones teórico- metodológicas en los territorios académicos y científicos, en los procesos de su fortalecimiento institucional, se han reforzado por políticas y esquemas de administración racional instrumental; los cuales han estado en proceso de construcción socio institucional, formas de organización, que están determinando y controlando el trabajo de formación profesional y de investigación; para su reproductibilidad y mantenimiento. Los modelos o paradigmas dominantes en las comunidades de académicos e investigadores en lo denominado por T. S. Kuhn como Ciencia Normal, son los que asumen la construcción de las normas y lo que legitima el desarrollo disciplinario, de trabajo que fortalece y regula una visión que busca el desarrollo de innovaciones marcadas por las llamadas Revoluciones técnicas, cuyos cambios y recomposiciones no solo afectan a las sociedades, también su penetración está en



las mismas organizaciones, donde se origina y reproduce el conocimiento y la técnica. Estas interacciones van constituyendo una complejidad para poder abordar y entender el desarrollo institucional de las organizaciones Universitarias y Tecnológicas; bajo las cuales, los procesos de administración en el desarrollo de los trabajos de investigación se supeditan a criterios y lógicas normativas de lo que se acepta o rechaza en las formas y tomas de decisión de cómo el investigador asume los desarrollos teóricos, metodológicos y técnicos. Esta dinámica de administración racional-eficientista permea en todos los territorios del saber, y estar en las posibilidades de ser administrados con los apoyos financieros que se requieran bajo el control. Todo ello, con la perspectiva del valor de impacto en la solución de problemas prácticos o de un conocimiento científicamente sustentado en una razón instrumental.

La movilidad en los territorios disciplinarios se observa en sus ventajas, posibilidades interdisciplinarias y transdisciplinarias, pero también podemos percatarnos que el impulso hacia los intereses de conocimiento puramente científicos que van asumiendo los diversos grupos van dominando la escena en las formas de administración de hacer ciencia, investigación y formación profesional. En tal, perspectiva, los estilos de hacer investigación y difusión de la ciencia, entre otros, sus indicadores determinarán su estatus dentro de las comunidades, la sociedad y la cultura.

Particularmente, las divisiones científicas y los debates teórico-metodológicos aparecen aletargados en su historia y en un cierto olvido, por las exigencias dominantes por el impulso para generar innovaciones técnicas en los distintos campos del saber. Y las aplicaciones teórico-metodológicas se asumen más como axiomas que deben seguir una mecánica de construirse en una ciencia básica y pasar como en automático a una ciencia aplicada, con los criterios de la función que cumplen en los proyectos a ser dictaminados, para su aprobación o lo contrario. Limitando, en consecuencia, las posibilidades de abrir debates que, si bien pueden producir profundas reflexiones, sólo se podrán divulgar, textos bajo la luz de un criterio innovador y de racionalidad instrumental, es decir, por su función utilitaria. Y la constitución de los grupos de investigación con una dinámica individualizada, fragmentada y acrítica.

Los debates entre los territorios y fronteras del saber en las ciencias, tanto de las llamadas duras, como las sociales y humanas, desde nuestra perspectiva, son fundamentales y necesarias, porque históricamente no sólo han contribuido con la crítica del conocimiento mismo y la cultura, también han propiciado grandes revoluciones desde el seno mismo de la organización universitaria o tecnológica. Ya en el terreno de las Ciencias Sociales y Humanas el largo desarrollo de las metodologías cuantitativas y

cualitativas, para adentrarse o no en sus debates, la propuesta de una convivencia mixta resulta por demás conveniente, sobre todo porque al final, se podrá colocar en la mirada crítica más al estado utilitario de la racionalidad instrumental.

Aunado a ello, las grandes crisis económicas, políticas, socioculturales, los cruces informáticos, la expansión de los medios de comunicación, la penetración de las revoluciones informáticas en todos estos terrenos. Las mismas organizaciones de conocimiento no han estado exentas de sus influencias y sus formas de estimular estas mismas transformaciones en sus esquemas de producción, reproducción e innovaciones tecnológicas. A los actores, generadores de conocimiento, difusión y reproducción cultural; se les presentan cada vez nuevos retos a la velocidad de un presente que rebasa el tiempo de una reflexión que requiere de un esfuerzo que se va relegando y marginando para los que consideren reflexionar los fundamentos que en esencia están construyendo a las ciencias, en sus enfoques teóricos, metodológicos y técnicos. Bajo este panorama, siempre estarán pendientes los retos para los enfoques metodológicos como recursos necesarios para el trabajo normal de investigación y formación científica, presentándose, como problemas para la creatividad, que colocada y dirigida por una administración para el desarrollo científico, lo determina y condiciona, con el mínimo aliento crítico, que la ha caracterizado en otras etapas de su historia. Ya que al quedar canalizada en el desarrollo y diseño de instrumentos que permitan la construcción y organización de datos, las exigencias de confiabilidad y de aplicación práctica en la solución de problemas para el modo de producción dominante se constituyen en su criterio más valorado, a despecho de una vigilancia epistemológica crítica y reflexiva. El interés se centra en generar conocimiento útil en la solución de problemas para el modo de producción social dominante.

La academia universitaria presenta cambios institucionales fuertes, en los procesos de fortalecimiento de la administración con tecnologías de la información, tanto para individualizar el desempeño de cada integrante, así, como de contrarrestar las posibilidades de organización socio institucional inmediata, pero, al mismo tiempo con la posibilidad de integrarse con miembros de otras comunidades e instituciones de educación superior. Es decir, se domestica la reproducción del conocimiento conectada con nuevas relaciones entre universidad, profesionalización y conocimiento útil. Por otra parte, los obstáculos epistemológicos, se centran en los procesos de evaluación y dictaminación por los pares, que se suponen poseen una autoridad con criterios científicos y legítimos para aprobar o no las prácticas de reproducción.

Las políticas universitarias diseñan y promueven para la generación y reproducción de conocimiento, han encausado modelos de organización que se

asemejan, y mucho, a las formas organizativas de la empresa capitalista. Ante lo cual, es deseable que el ensamble y la producción de profesionales de conocimiento sigan la lógica de una cadena de producción donde la materia prima, los estudiantes y dominio profesional y estatus de conocimiento, se introducen en un inicio cero y se retira al final como producto terminado dispuesto para su utilización mercantil. En otra ruta contigua, se espera que las estructuras de producción de conocimiento se adapten de manera flexible a las demandas del mercado elaborando un producto que se ajuste para cubrir las necesidades de consumidores. Se impulsan cada vez más los procesos de administración impersonal a través de las políticas económicas para la educación, la ciencia y la tecnología, lo que acarrea la presencia de filtros de selección práctica, sobre lo que deben considerarse metas o cumplimiento de indicadores generales para las identidades institucionales.

De este modo, la Universidad, se desarrolla con una profundidad, que se va normalizando y naturalizando entre la construcción de conocimiento científico y la producción de profesionales que dispongan de conocimientos útiles. Por esta vía, las Ciencias Sociales en general, se confrontan con las contradicciones que el sistema les plantea a partir de estas formas de desarrollo en consonancia con el desarrollo y problemáticas socioculturales.

Se pueden identificar, también, otros problemas, dentro de esta naturalización y normalización, para decirlo en aras para una reflexión crítica, donde los mismos académicos y científicos aceptan desarrollar sus trabajos bajos estas plataformas post-empiristas, no sólo para fundamentar epistemológicamente sus trabajos, sino también para el crecimiento de la comunidad profesional, aún con todos los filtros y restricciones de pertenencia dados por el prestigio y el estatus.

Un fenómeno que se ha instalado como parte de esta normalización del trabajo de hacer ciencia, es la disolución dentro de un empirismo dominante, donde lo macro-micro, cuantitativo-cualitativo, pueden armonizan su reproducción, con el ocultamiento de debates y críticas, las cuales por distintos ángulos se evitan sus expresiones en el premio a la comodidad del reforzamiento en la conducta social del estatus científico o “expertis” de los académicos y científicos profesionales.

En la misma dirección, se puede detectar una necesidad repetitiva por continuar con la emulación de las ciencias naturales, es decir, por poder hacer con el mundo social lo que aquellas han hecho con el mundo natural. El científico social como agencia queda colocado en su búsqueda de emulación naturalista llegando a hacer uso de la razón sólo como una adicción sustitutiva. En consecuencia, la fijación naturalista y la razón narcotizante se conforman en criterios epistémico-asociados a la disolución de prácticas

contradictorias que generan una cierta crisis de legitimidad en el conocimiento, por no poder ser tan exactos y naturales como las viejas disciplinas de intervención natural. Es evidente que, ante estas condiciones, la razón pierde vocación crítica y se extravía en los laberintos de la domesticación económica de la producción del conocimiento.

Que de frente a los procedimientos de una administración racional eficientista, que carece de un conocimiento de como se resuelven los problemas en el trabajo real de investigación y de los obstáculos epistémicos al asumir una determinada perspectiva teórico metodológica; podemos explicitar consideraciones reflexivas y cuestionar las maneras del conocer, con las condiciones que en los espacios de la academia se imponen en el marco de los dos rasgos anteriores, a saber: la presencia de la organización corporativa hecha cuerpo en el docente o investigador. Con ello, se articula la manera en cómo desarrollamos la enseñanza de la metodología de la investigación, sosteniendo, la necesidad de comprender las proximidades y distancias que separan los procesos de enseñar e impulsar la investigación social y, por otra parte, se mantiene una actitud de reflexividad sobre la enseñanza de la investigación con fines humanitarios, enmascarados por una ética conveniente de bien común y ganancias capitalizadas. Por ello, podemos señalar la necesidad de reflexionar críticamente sobre el puesto de la metodología de la investigación en el contexto de la malla curricular y la estructura del campo disciplinar. Y con ello, mantener las ideas críticas cuándo la práctica académica deviene en ideología y cuándo la escolarización con el predominio administrativo corroe la creatividad. También se ha hecho notar el peso de la doxa académica y los habitus escolásticos sobre el aprendizaje, poniendo en el centro de dicha reflexión el rol desempeñado por docentes e investigadores en los procesos de enseñar metodología y realizar investigación. En tal sentido, la presencia del docente-investigador comunica, por diversos medios, una manera de hacer investigación que van desde la héxis corporal a la catarsis ideológica. Las naturalizaciones de nuestros alumnos son en parte nuestras naturalizaciones, por lo que creamos una lógica práctica que construye esquemas cognitivos como dispositivos clasificatorios y mecanismos que sirven para reforzar posiciones convenientes a formas de dominación social, como campos, al estilo conceptual de Bourdieu.

Otra posibilidad de análisis es lo que se ha dado en llamar la situación de colonización del saber que, en el marco de una crítica cultural a las formas y políticas del conocer, se puede reconocer como un componente más de los obstáculos epistémicos para reconectar realidad social y construcción de conocimiento. El camino para reconstruir racional y críticamente los desafíos planteados debe ubicarse a través de un abanico que resulte de la articulación entre lo metodológico, lo teórico y lo epistemológico. En

esta perspectiva, el acto crítico que se propone debe partir de el reconocimiento que las acciones sociales, nos permiten pensar en un sentido similar a las que estamos acostumbrados que hagan las redes simbólicas. La sociedad, en tanto resultado de esas acciones, debe ser puesta ante su propio reflejo y los científicos deben partir de la ruptura de esa imagen especular para construir sus proyectos de investigación e impulsar los procesos reflexivos de las condiciones sociales, para entenderse como el pasaje de la mera contemplación a la ruptura de la imagen socialmente aceptada. Esta acción se entrelaza con una manera de problematizar que implique poner la crítica en movimiento y sacudir el polvo de las corazas administrativas, que poco promueven la libertad creativa, por la que el pensamiento ilustrado luchó, con claridad en lo que se oculta. Así, el hecho de elegir un tema y plantear un problema no se agota en un paso tecnológico, sino que pone en juego ruptura y reconstrucción. Por un lado, involucra una actitud vigilante ante el modo de presentarse lo que sucede, en tanto aceptación de lo que aparece como lo que es y, por el otro lado, la duda radical ejercida contra nuestros conceptos y objetivaciones, en tanto naturalizaciones de ese mundo. Una forma de no encerrarse en una imagen naturalizada del mundo lo constituye el guardar distancia sobre las reglas y prácticas del campo científico y la atención sobre la centralidad de practicar un análisis social del conocimiento y de las representaciones sobre el mundo que se poseen. El margen es la condición de reproducibilidad de lo central, es decir, dicho desde el centro, porque hay margen. La relación centro-margen muestra lo ocultado. Esto se puede percibir apelando a un ejemplo: el de la razón europea. Cuando se afirma que la razón europea configura el pensamiento ante las ciencias sociales latinoamericanas, lo que se está diciendo en realidad es que no hay europeos sin latinoamericanos. Cuando se afirma que América Latina es el margen, se oculta que hay un centro. De ahí que, en el marco del poscolonialismo contemporáneo, sea tan delicado escribir desde el margen, desde el subordinado, porque en ese caso tanto margen como subordinación están siendo nombrados desde el centro. En otras palabras: Puede haber un pensamiento crítico para un pensamiento central. Desde una perspectiva política-epistemológica, y en el marco de la aceptación de una visión post-empirista, puede afirmarse la necesidad de continuar la construcción de un conocimiento social sin conflictos en sí mismos, pero sí como fuente de soluciones, que se ubique en la complejidad como uno de sus rasgos más básicos. En la actualidad, el conocimiento social tiende a la relacionalidad como una de sus características de la intersubjetividad. Este tipo de esquema de significación sociológica implica el fin de una imagen antro-palocéntrica del conocimiento. Objeto, sujeto y sus relaciones son elementos del conocimiento que poseen el mismo nivel



de importancia en el proceso de comprensión de la realidad. Más allá del objeto y del sujeto, más allá de la aceptación de la existencia externa a la conciencia de las cosas o como construcción de una esfera cognitiva, el conocimiento aparece como proceso. La procesualidad muestra la relacionalidad, no solamente desde un punto de vista metodológico sino como fundamental característica del conocimiento. El conocimiento tiene lugar en el propio proceso donde objeto y sujeto se auto develan y entienden, el mismo proceso de reconocimiento entre objeto y sujeto brinda la posibilidad de conocer. La relacionalidad adviene en la constitución de un mundo social, estratificado, diferencial y cambiante. Mundo social que, en tanto campo de observación, configura la percepción de la acción social y viceversa. Así, objeto y sujeto se encuentran y extravían en el proceso de conocimiento (Zemelman, H. 2011).

En consecuencia, el desarrollo crítico en la producción de la ciencia es una tarea colectiva por asumir con una clara postura política frente a los debates metodológicos armonizados para construir datos que sustenten legítimamente soluciones del sistema de producción social y cultural.

### **3 LA CONSTRUCCIÓN DE DATOS EN EL CONTEXTO SOCIOCULTURAL DE LA INVESTIGACIÓN SOCIAL**

Las luchas emancipadoras del pensamiento por construir caminos de verdad, las presuposiciones en tela de juicio de lo que políticamente se va legitimando y el sometimiento entre los grupos que se integran en las culturas y las grandes líneas de desarrollo revolucionario en la Técnica, Filosofía, la ciencia, el arte y la literatura. En sus sueños la Modernidad de los renacentistas europeos por mundos en lo que la vida humana fuera más habitable y digna frente a los demás y la naturaleza como la gran provedora de vida. Se abren grandes revoluciones que se cruzan, pero no necesariamente marchan en direcciones armonicas. Las grandes corrientes del pensamiento filosófico Racionalistas, Empiristas y Criticas abren universos por sondearse, pero también van acumulando problemas que se van heredando en los grandes movimientos que llegan a dominar sus épocas. La revolución industrial el auge del Capitalismo, las revoluciones científicas y técnicas y las revoluciones sociales, permiten que las fronteras entre el saber que se constituye como legítimo y el conocimiento como un proceso por construirse y verificarse como legítimo al pensar científico; las relaciones entre lo natural y lo social proliferan los saberes y sus formas de construirse.

De la segunda mitad del siglo XX a la fecha, pasando por el cambio de un Estado de bienestar a un Estado Neoliberal que ya se venía constituyendo en el concierto del

nuevo orden mundial y el repunte del capitalismo rescatando las ideas del libre mercado sobre los estados nacionales y la instauración de las democracias como las mejores formas en las que la ideología neoliberal encontro su mejor discurso para plantear que en el mundo de las libertades se encontrarían las mejores formas de vida social. El tiempo y las perspectivas críticas y sobre todo las grandes crisis que caracterizan al Capitalismo nos estan mostrando sus grandes fracasos, pero también su fuerza por mantenerse en el panorama de las naciones y en particular de un país como México.

No es de extrañar que en México se vivan cotidianamente un cumulo de crisis con graves consecuencias sociales donde cada vez son más difíciles de ocultar por los grupos en el poder que representan y asumen en un país que se llena de contrastes entre las oportunidades, armonía, progreso, justicia, desarrollo y sus contrarios. Estas crisis se complican por intereses, desorganización o caos de esta diversa y plural sociedad mexicana que fomenta los muchos México que constituyen esta cultura dividida, fragmentada, desigual, engañada y manipulada para reforzar promesas como gran capital del discurso político. Propiciando terrenos y formación de grupos híbridos entre la propia delincuencia y su interacción con los grupos en los gobiernos, desarrollando campos productivos de ganancias económicas espectaculares con el sello de las infamias, esta debilidad se refleja en las propias instituciones del Estado incapaces de hacer valer el Estado de Derecho para frenar la impunidad, en un México fragmentado con diversos grupos que día a día se manifiestan por los espacios públicos de este país. Analistas políticos desde diversas y hasta contradictorias interpretaciones señalan con optimismo o con un cierto pesimismo, en donde algunos protagonistas de la vida pública concurren en señalar con indignación domesticada por la indiferencia de que México es un país que requiere soluciones radicales; algunos, los oficiales desde lo instituido y legitimado por el Estado otros con la franca desconfianza de promesas incumplidas y agudizados problemas con fuertes cargas de las carencias sociales en todos los órdenes de la vida social.

Las crisis no se reducen al conjunto de sus problemas políticos, sociales, económicos, institucionales, de ignorancia, educación y cultura política para una sociedad cada vez más sitiada por formas de un consumismo que excluye a grandes sectores de la población con las formas aparentes de que todo se encuentra en el mercado, pero no todos pueden tener acceso y los limites están en su poder de adquisición, la violencia en todos sus niveles, la corrupción como mal público y virtud privada, la destrucción del medio ambiente, el desorden y planeación entre las ciudades y el campo, los grupos delictivos en el gobierno y fuera de él, una población desnutrida y con bajos perfiles de

bienestar y calidad de vida...etc. Los estados de competencia en todos los niveles de la sociedad y las tensiones entre los procesos de legitimidad que intentan dar un orden como promesa incumplida a la vuelta de las necesidades más universales de los individuos y de las distintas formas de exclusión que contribuyen a fortalecer la formación de grupos y actividades no legítimas que crecen a una velocidad de desarrollo con una economía con limitado crecimiento. Estas tensiones conforman a la sociedad en un mapa de realidad más fragmentado y desestructurado en procesos que recorren toda la vida social: pretenden con base en el cumplimiento de un desarrollo social armonioso llevar a un país a un estado de bienestar dada por el esfuerzo del individuo cuyos resultados se dan cada vez más aislados. Con los que México en este siglo XXI, se están cobrando las facturas de los grupos, sectores marginados y pobres, conformando la mayor parte de la población.

Hoy, con el acecho escalado de recesiones económicas y tensiones concomitantes de formas y variaciones de la violencia física y mediata en todos los órdenes de la vida social que la tienen presa; parece oportuno plantear nuevamente la necesidad de reflexionar críticamente como desde la investigación social asumimos en los enfoques para diseñar nuestros proyectos, bajo el ojo dictaminador de una legitimidad científicamente administrada y los datos que son urgentes de plantearnos, para su construcción y función reveladora de realidades que incomodarán a más de un funcionario público o universitario.

La construcción de los datos en las distintas investigaciones sociales que se desarrollan en nuestras instituciones no sólo tiene su importancia en el gran esfuerzo de resolver toda una serie de problemas en su complejidad técnica. Y de pasar los reveladores filtros de evaluación, dictaminación y divulgación, lo cual siempre ha sido una tarea sin fin. Se requiere en esta época de grandes ajustes de dominación técnica, el poder hacer pausas de reflexión crítica, en cuanto a la función no sólo para las mejores condiciones en desarrollar el trabajo de transmisión de los enfoques a las nuevas generaciones profesionales, sino también por su inserción unilateral y dominante en la vida social y cultural.

Para Davenport y Prusak (1999, 2001) el conocimiento es una mezcla de experiencia, valores, información y “saber hacer” que sirve como marco para la incorporación de nuevas experiencias e información, y es útil para la acción. Se origina y aplica en la mente de los conocedores. En las organizaciones con frecuencia no sólo se encuentra dentro de documentos o almacenes de datos, sino que también esta en rutinas organizativas, procesos, prácticas, y normas.

Lo que inmediatamente deja claro la definición es que ese conocimiento no es simple. Es una mezcla de varios elementos; es un flujo al mismo tiempo que tiene

una estructura formalizada; es intuitivo y difícil de captar en palabras o de entender plenamente de forma lógica. El conocimiento existe dentro de las personas, como parte de la complejidad humana y de nuestra impredecibilidad. Aunque solemos pensar en activos definibles y concretos, los activos de conocimiento son mucho más difíciles de manejar. El conocimiento puede ser visto como un proceso (flujo) o como algo acumulado.

El conocimiento se deriva de la información, así como la información se deriva de los datos. Para que la información se convierte en conocimiento, las personas deben hacer prácticamente todo el trabajo. Esta transformación se produce gracias a: La Comparación, consecuencias, conexiones y conversaciones en las comunidades académicas y épsitemicas. Estas actividades de creación de conocimiento tienen lugar dentro y entre personas. Al igual que encontramos datos en registros, e información en mensajes, podemos obtener conocimiento de individuos, grupos de conocimiento, o incluso en rutinas organizativas. Donde las necesidades de instituciones estatales o privadas, tienen de los datos, que de una u otra manera requieren para diseñar sus acciones con la sociedad para cumplir con sus misiones, sea con el fin de capitalizar las ganancias o mantener bajo cierto control el que no se desplieguen conflictos en los distintos campos de la sociedad y la cultura.

#### **4 LOS DOMINIOS DEL CONTEXTO SOCIO INSTITUCIONAL EN LAS ORGANIZACIONES DEL CONOCIMIENTO EN SU POLÍTICA Y NORMATIVIDAD PARA SUS FUNCIONES SUSTANTIVAS**

El conocimiento y la innovación en el desarrollo económico es un presupuesto que, a través de sus políticas en los países avanzados, estructura modelos de trabajo denominados por su inversión y ejecutados por administraciones que fortalecen el individualismo intelectual. La innovación tecnológica y los sistemas de flujo de información. Valorando que el conocimiento es el motor de la productividad y del crecimiento técnico; con ello, los procesos de aprendizaje son la materia humana para estructurar en las organizaciones del conocimiento: Las Universidades como sociedades del conocimiento. Si nos situamos de frente a una relación analítica de la Economía del conocimiento:

...un nuevo espacio de interacción productivo... denominado economía del conocimiento (EC). Este nuevo espacio tiene su epicentro en los países más desarrollados, pero sus ramificaciones se extienden a múltiples ramificaciones del planeta, estableciendo una estructura jerárquica, dominada por las corporaciones de EE. UU., Europa y Japón, que controlan los principales instrumentos y medios del conocimiento, y gracias a ello controlan la riqueza global.

Para interactuar en este espacio se requiere una nueva tecnología, que a su vez exige transformaciones de fondo en la organización de la sociedad, empezando, por la educación, calificación laboral y de la infraestructura, principalmente de las telecomunicaciones. Para que un país logre insertarse en la EC es menester que eleve los estándares educativos del conjunto de la población, así como reorientar su contenido hacia principios que derivan de una mayor comprensión de la naturaleza. Los trabajadores deben de insertarse en un nuevo paradigma productivo que se basa en un principio de mayor creatividad laboral. Pero bajo la exigencia de capacitación superior y flexibilidad. Rivera M.A. (2013 p. 469)

Preguntarse por la conexión entre conocimiento y la aceptación e identificación del profundo proceso de reestructuración capitalista que ha tenido lugar en los últimos años. La llamada era neoliberal ha implementado cambios estructurales de gran magnitud en las organizaciones del conocimiento. Las constante disputas sobre la legitimidad del conocimiento social, como ciencia y como conocimiento socialmente aceptable ha sido determinante para caracterizar a las sociedades. En los procesos de cambios y transformaciones de los esquemas y criterios de legitimidad desarrollados por las historias de las comunidades académicas y científicas; es necesario reparar que las formas aceptables y apreciables en nuestras sociedades han sido objeto de un desplazamiento cada vez más radical, en el resultado del dato, que puede construir una legitimidad o condenarse a una marginalidad en las construcciones de los saberes sociales. Los poseedores de conocimiento se dividen y jerarquizan por el valor de intercambio que éste tenga. No todo conocimiento posee el vínculo con el estatus del poder y el dinero. Una buena porción de disciplinas y oficios quedan fuera del mercado que regula su valor en las organizaciones que impulsan la investigación. Ya no hay una relación directa entre educación formal, trabajo y prestigio social. Ya no es suficiente saber algo funcional al sistema. Como bien señala González Casanova:

“Los conocimientos eficaces. La creación de nuevas relaciones y estructuras por las organizaciones dominantes determina un conocer-hacer articulado cuya eficacia merece especial atención por parte de las organizaciones y los movimientos alternativos ya sea para enfrentarlo, ya para adaptarlo, o al menos para tomarlo en cuenta. En ese conocer-hacer-crear de empresas y complejos dominantes lo más importante son las interfaces, sinapsis, o vínculos de varios recursos a la vez epistemológicos y tecnológicos, que forman parte de la cultura teórico-práctica de avanzada” González (2009, p. 274)

La valoración social de poseer conocimiento en sociedades en desarrollo resulta de un conjunto de tendencias que se oponen y que ejercen presión en un continuo que se extiende de la inutilidad a la superficialidad si no es útil para la dominación social.



Las sociedades se parecen cada vez más al rompecabezas cuyas piezas pueden tener autonomía, pero nunca sentido sin el todo. Esta división de colectivos y grupos académicos o de investigación, aparecen como consecuencia de los mecanismos de inclusión, exclusión-expulsión y fomento de éticas del deber, hacen de los espacios universitarios el resultado de muchas sociedades cuya lógica de coordinación de la acción se diferencia día a día.

Es posible considerar otro de los rasgos de la actual relación entre conocimiento y estructuración social; como aquel que aparece al relacionar mercantilización, aceptabilidad y apreciabilidad. En el horizonte de reestructuración capitalista aparecen con fuerza las tensiones que surgen entre información, saberes y conocimiento. Nuestras sociedades están expuestas al cruce entre un gran flujo de información; un cuadro simbólico cada vez más complejo de saberes y espacio de excelencia, a cada momento más restringido a un debate abierto y crítico sobre el conocimiento científico. Tal situación implica una mayor circulación de información y conexión al conocimiento científico cuyo criterio de validez se va constituyendo alrededor de saberes de todo tipo, cuya realidad ocurre inversamente proporcional. Demasiada información junto a criterios de validez múltiples lleva a las sociedades que buscan formas de desarrollo a vivir la paradoja de contar con cierta información generada bajo demanda y al mismo tiempo estar bajo la necesidad de nuevos datos o informaciones actualizadas, sin capacidad de decodificación y posibilidad de disolución de los mecanismos de dominación que dicha información implica. En esta perspectiva, nos muestra Manuel Castell (2017): La comunicación simbólica entre los humanos, y la relación entre éstos y la naturaleza, basada en la producción (con su complemento el consumo). La experiencia y el poder, cristaliza durante la historia en territorios específicos con lo que genera culturas e identidades colectivas.

Por lo que en consecuencia la producción es un proceso social complejo debido a que cada uno de sus elementos se diferencia internamente, Así pues, las comunidades académicas y científicas como organizaciones del conocimiento y la técnica, el trabajo está muy diferenciado y estratificado según el papel de cada profesional en su campo disciplinario, que de frente a sus objetos de conocimiento, éstos ubicados como la materia que incluye a la naturaleza y la cultura, nos coloca en la perspectiva de considerar su evolución histórica y su mutua interdependencia a diferencia a de la clásica distinción entre los modos de entender a la cultura y naturaleza, a través del “método científico” como garante universal del conocimiento legítimo, comprobable y verdadero, ya que a lo largo de los grandes períodos históricos de acción humana han incorporado el entorno natural a la sociedad y nos ha hecho también materia simbólica. La relación entre trabajo

y materia en su proceso supone el uso de los medios de producción para actuar sobre la materia, mediante la energía, el conocimiento y la información. La tecnología es la forma específica de tal relación.

## 5 CONCLUSIONES

De este modo ¿de qué datos relevantes requerimos?; ¿qué investigaciones relevantes requieren las sociedades? Y ¿cómo podemos construir las? El marco de una situación de transformación capitalista, que pasa de una bipolaridad a una multipolaridad, nuestros interrogantes sobre qué conocimiento social construir, puede considerar las profundas transformaciones que está sufriendo la representación social sobre el conocimiento y su utilidad social. De aquí, la necesidad de analizar, al menos de manera provisoria, cuáles son los obstáculos internos al conocimiento e intervención social.

¿Qué nos impide construir un conocimiento social adecuado? Para ello, en primer lugar, es posible observar una conexión domesticación entre Doxa Académica e Intervención Social posible de ser caracterizada en la era neoliberal. En la academia, luego de cambios institucionales fuertes, una domesticación económica del conocimiento conectada con unas nuevas relaciones entre universidad, profesionalización y conocimiento útil, dominan. Por otra parte, se encuentran los obstáculos epistemológicos. Donde los primeros obstáculos epistémicos somos nosotros mismos y nuestras propias prácticas de reproducción.

Con una cuarta revolución tecnológica, una pandemia que ha contribuido nuevos mapas de producción global y economías multipolarizadas, los efectos, desequilibrios climáticos, los conflictos internacionales, la agudización de las desigualdades, la pobreza, las extremas diferencias en el consumo, nos permiten valorar un mundo con grandes dificultades para que sea habitable con dignidad. Ante las ciencias el abordar esta cantidad de problemas, a través de Modelos Económicos del Conocimiento, no deja de imponer retos para cada ciencia; en particular para las ciencias sociales, si bien su situación en las políticas internacionales y nacionales se han impulsado diferencialmente. Los países avanzados siguen siendo el centro por donde se van marcando líneas de impulso a las investigaciones. En concreto para los países latinoamericanos, el apoyo a las disciplinas se ha visto menguado, que como en el caso de México, los recortes han repercutido en un nivel de exigencia sin invertir lo suficiente, y por otra parte las élites en las comunidades académicas y científicas se pliegan a un productivismo de excelencia que no gestiona, sólo evalúa si es posible de ser integrado a su sistema o criterios de valor y eficiencia.

En este contexto, los debates metodológicos en las ciencias sociales se han experimentado por cada institución educativa o centro de investigación. Contribuyendo a nuevas formas de construir datos; sean cuantitativos o cualitativos. Los contrastes entre ambos enfoques para el desarrollo de investigación están determinados; por un lado, por las tendencias dominantes de la comunidad y las políticas en la organización de lo que se valora como legítimamente científico. Por otra parte, se construyen tensiones en los estilos y preferencias en el uso y aplicación de los métodos y técnicas en la construcción de los datos; creando actitudes grupales con escaso diálogo y debate. Se puede hacer una revisión histórica y contemporánea, que desde este punto de vista es necesaria. Podría uno remitirse desde el gran debate entre el Historicismo alemán y el Positivismo, hasta nuestros días, en cómo se ha conformado el modelo dominante de hacer investigación. Aunque el debate tendrá su curso y se desarrollarán posturas, ante un sistema o Economía del Conocimiento; el debate puede ser marginal, si los datos proporcionados resultan útiles a las demandas y los problemas que se enfrentan social y culturalmente. De aquí que de cualquier enfoque metodológico técnica implementada en los trabajos de investigación, mantenga encuentros o distancias, al final, si los resultados contribuyen en la solución de problemas, podrán ser estimuladas con líneas específicas de trabajo, y serán redituables a la sociedad y la organización del conocimiento.

## BIBLIOGRAFIA

Adorno, T. (1984) *Dialéctica negativa*, Taurus, Madrid.

Castell M. (2017) En: *La Era de la Información: La Sociedad Red*. Alianza Editorial.

Cubide, H. y Durán, A. (2002), *Epistemología, ética y política de la relación entre investigación y transformación social*. Editorial Nómada.

Davenport, T.; Prusak, L. (2001) *Conocimiento en Acción. Como las Organizaciones manejan lo que saben*. Buenos Aires. Pearson education.

De Vries W y Ibarra C. E. (2004) *La gestión de la universidad*. RMIE, jul-sep. 2004, vol. 9, núm. 22, pp. 575-584.

Hacking, I. (2001): *¿La construcción social de qué?* Ediciones Paidós, Barcelona.

González C.P. (2009) Ed. En *Nuevas Ciencias y Humanidades*. Ed. Anthropos.

Luckmann y Berger (2001) *La construcción social de la realidad*, Buenos Aires, Amorrortu.

Piaget J., et.al (1970) *Las tendencias de la investigación en ciencias sociales*. Alianza/UNESCO.

Rivera, M. A. (2013). México en la economía del conocimiento: análisis de tendencias y orientaciones estratégicas. Instituto de investigaciones jurídicas de la UNAM, en <https://archivos.juridicas.unam.mx/www/bjv/libros/7/3371/20.pdf>, 469-487.

Zemelman H. (2011) Implicaciones epistémicas del pensar histórico desde la perspectiva del sujeto. *Desacatos*, núm. 37, septiembre-diciembre 2011, pp. 33-48.

Zuluaga P A M y Cogollo S N C Compiladoras. (2018) Situaciones y retos de la investigación en Latinoamérica. Universidad Católica L. Amigo.

## SOBRE O ORGANIZADOR

**Luis Fernando González-Beltrán**- Doctorado en Psicología. Profesor Asociado de la Facultad de Estudios Superiores Iztacala (FESI) UNAM, Miembro de la Asociación Internacional de Análisis Conductual. (ABAI). de la Sociedad Mexicana de Análisis de la Conducta, del Sistema Mexicano de Investigación en Psicología, y de La Asociación Mexicana de Comportamiento y Salud. Consejero Propietario perteneciente al Consejo Interno de Posgrado para el programa de Psicología 1994-1999. Jefe de Sección Académica de la Carrera de Psicología. ENEPI, UNAM, de 9 de Marzo de 1999 a Febrero 2003. Secretario Académico de la Secretaría General de la Facultad de Psicología 2012. Con 40 años de Docencia en licenciatura en Psicología, en 4 diferentes Planes de estudios, con 18 asignaturas diferentes, y 10 asignaturas diferentes en el Posgrado, en la FESI y la Facultad de Psicología. Cursos en Especialidad en Psicología de la Salud y de Maestría en Psicología de la Salud en CENHIES Pachuca, Hidalgo. Con Tutorías en el Programa Alta Exigencia Académica, PRONABES, Sistema Institucional de Tutorías. Comité Tutoral en el Programa de Maestría en Psicología, Universidad Autónoma del Estado de Morelos. En investigación 28 Artículos en revistas especializadas, Coautor de un libro especializado, 12 Capítulos de Libro especializado, Dictaminador de libros y artículos especializados, evaluador de proyectos del CONACYT, con más de 100 Ponencias en Eventos Especializados Nacionales, y más de 20 en Eventos Internacionales, 13 Conferencia en Eventos Académicos, Organizador de 17 eventos y congresos, con Participación en elaboración de planes de estudio, Responsable de Proyectos de Investigación apoyados por DGAPA de la UNAM y por CONACYT. Evaluador de ponencias en el Congreso Internacional de Innovación Educativa del Tecnológico de Monterrey; Revisor de libros del Comité Editorial FESI, UNAM; del Comité editorial Facultad de Psicología, UNAM y del Cuerpo Editorial Artemis Editora. Revisor de las revistas "Itinerario de las miradas: Serie de divulgación de Avances de Investigación". FES Acatlán; "Lecturas de Economía", Universidad de Antioquía, Medellín, Colombia, Revista Latinoamericana de Ciencia Psicológica (PSIENCIA). Buenos Aires, Revista "Advances in Research"; Revista "Current Journal of Applied Science and Technology"; Revista "Asian Journal of Education and Social Studies"; y Revista "Journal of Pharmaceutical Research International".

<https://orcid.org/0000-0002-3492-1145>

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Aborto legal 219

Adaptaciones visuales 99, 100, 101, 102, 104, 105, 106, 107

Aftosa 174, 175, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 187, 188, 189, 190, 191

Agenda 2030 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 63, 116, 117, 129, 199, 205

Agisoft Metashape Standard 85, 86, 90, 92, 96

América Latina y el Caribe 53, 54, 56, 58, 62, 64, 120, 205

Ángel 6, 150, 166, 167, 171, 173

Aprender a aprender 6, 8, 65, 66, 67, 76, 80, 82

Aprendizaje 6, 9, 10, 17, 18, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 38, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 87, 88, 89, 90, 97, 99, 100, 101, 102, 104, 105, 106, 107, 112, 121, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 155, 160, 205

Autonomía académica 12, 13, 14, 16, 19

### B

Barreras para el aprendizaje 65, 66, 67, 68, 69, 74, 80, 82, 83

Brasil 34, 44, 133, 134, 149, 174, 175, 178, 179, 180, 181, 184, 185, 189, 191

Brechas de género 108, 109, 110, 111, 115, 116, 117, 118, 119

### C

Calderón 9, 166, 167, 168, 171, 172, 173

Ciencia social y cultura dominante 150

Ciencias Sociales 15, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 43, 44, 51, 65, 125, 151, 152, 154, 156, 163, 164, 208, 209, 214, 216, 218

Colombia 194, 201, 204, 219, 222, 223, 225

Conceitos científicos 133, 135, 140, 141, 144, 145, 146, 147, 148

Constitución 2, 3, 152, 157, 196, 199, 202, 203, 206, 207, 210, 211, 212, 213, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 222, 223

Construcción de datos 150, 151, 157

Contaminación 193, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 202, 203, 204

Contenidos escolares 33, 37, 43, 44, 76, 79

Cuba 32, 149, 190, 204, 206, 207, 208, 209, 211, 212, 213, 214, 216, 217, 218

## D

Decolonização 66, 69, 70, 72, 73, 74  
Derechos de la mujer 219, 221  
Desafíos académicos 107, 121  
Desenvolvimento escolar 133, 135, 140, 148  
Didáctica 31, 32, 33, 38, 43, 45, 46, 48, 49, 51, 52, 53  
Diseño gráfico 99, 102  
Dislexia 99, 100, 101, 102, 104, 105, 106, 107

## E

Educación financiera 108, 109, 110, 111, 114, 115, 116, 117, 118, 119  
Educación inclusiva 17, 55, 56, 63, 65, 66, 71, 81, 82, 106, 107  
Educación para la vida 9, 65, 66, 67, 69, 80, 82  
Educación Superior 5, 6, 9, 13, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 32, 34, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 62, 64, 72, 76, 97, 118, 119, 126, 132, 153  
Efecto de las actividades humanas 193  
Enfoques metodológicos 150, 151, 153  
Enfoques transdisciplinarios 4, 121, 125, 129, 131  
Ensino-aprendizagem 133, 134, 135, 139, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148  
ESO 85, 86, 89, 97  
Estereotipos 9, 41, 108, 112, 113, 115, 116  
Evaluación 8, 9, 12, 13, 18, 19, 20, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 35, 101, 105, 107, 128, 129, 153, 159, 211, 218  
Evaluación y acreditación universitaria 12, 18  
Evolución 1, 2, 3, 12, 19, 54, 62, 63, 84, 116, 118, 162, 207, 211, 212  
Evolución histórica 12, 162, 207, 211

## F

Fotogrametría 85, 88, 89, 90, 91, 92

## G

Garantías 197, 206, 207, 209, 210, 211, 212, 213, 215, 216, 217, 218, 221, 223

## H

História 7, 10, 11, 33, 36, 40, 41, 42, 111, 152, 153, 162, 174, 175, 176, 177, 178, 181, 182, 184, 186, 187, 189, 191, 198



## I

Igualdad de género 55, 112, 113, 117, 118, 119, 219

Inclusión educativa 99, 100, 101, 107

Industrialización y educación 12

Internet 9, 59, 62, 66, 68, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 83, 115, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 201, 203, 204, 205

Inversión extranjera 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218

Investigación acción 45, 47, 52, 130

Isabel de Borbón 166, 168, 169, 172, 173

## L

Latinoamérica 34, 69, 108, 115, 125, 165, 192, 215

Legislación ambiental 193

## M

Materiales didácticos 99, 100, 102, 104, 106, 107

Memória 97, 174, 175, 182, 183, 184, 185, 187, 188, 190

Metodología 45, 47, 48, 52, 53, 57, 85, 88, 89, 90, 91, 96, 114, 121, 125, 132, 155, 193, 195, 222

México 1, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 18, 20, 22, 24, 54, 57, 60, 61, 64, 65, 69, 71, 74, 77, 80, 83, 99, 100, 101, 105, 107, 119, 121, 158, 159, 163, 165, 174, 175, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 189, 190, 191, 194, 203, 205

Modelo educativo 1, 2, 8, 9, 10, 68, 70, 81

Modelos universitarios 12, 13, 16, 17

Mujeres 61, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 168, 172, 219, 221, 223

## N

Norma 22, 25, 28, 29, 30, 31, 32, 144, 196, 207, 210, 217, 224

## O

Observación 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 99, 114, 157

ODS4 53, 54, 55, 56, 57, 63

Oportunidades académicas y la educación 121

## P

Patrimonio industrial 85, 86, 87, 89, 90, 96

Poder femenino 166  
Política social 1  
Princípios ideológicos 1

## R

Realidad Aumentada (RA) 85, 87, 89  
Reformas educativas 33  
Representaciones sociales 33

## S

Salud reproductiva 219  
Serafín 166, 168, 169, 170, 172  
Serafina 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172  
Subjetividad 2, 33, 115, 136

## T

Teoria histórico-cultural 133, 134, 135, 136, 139, 141, 144, 147, 148  
TIC 56, 65, 86, 87, 98, 193, 194, 195, 196, 197, 199, 201, 202, 203, 205